

# Laranjal podre

A GUERRA FRATRICIDA PELO CONTROLE DO PSL  
EXPÕE VAIDADES E PÕE EM XEQUE O QUE  
AINDA RESTA DO GOVERNO BOLSONARO

por THAIS REIS OLIVEIRA

**O** alto escalão do Partido Social Liberal estava prestes a bater o martelo e expulsar alguns de seus deputados por infidelidade partidária. Essa reunião, entretanto, não aconteceu. Naquela manhã do dia 15, a Polícia Federal bateu à porta da casa do presidente do partido, Luciano Bivar, para coletar evidências sobre o caso do laranjal. Também foi esquadrihada a sede do partido no Recife. A operação passou quase dois meses engavetada antes que a Justiça a autorizasse. Com o mandado na mão, a PF armou tudo de um dia para o outro. A ordem dos fatos deixa claro que o fogo amigo teve aval do presidente Bolsonaro. Na semana anterior, o ex-capitão confidenciou a um turista que o tietava no Planalto que Bivar estava “queimado”, e sugeriu a ele que esquecesse o PSL. O cochicho acabou sendo registrado por um anônimo que se apresenta na internet como *paparazzo* de Bolsonaro. Minutos depois, a

filmagem virou assunto de primeira ordem nas hostes bolsonaristas.

Foi o estopim para a escalada de uma guerra fratricida dentro do PSL que ameaça o futuro do partido e do governo. De um lado ficam Bolsonaro, os três filhos e cerca de 20 deputados. Do outro, Bivar e mais de 30 parlamentares que se mantêm fiéis ao seu cacique de direito, entre eles o líder do partido na Câmara, um ex-policial que atua sob a alcinha de Delegado Waldir. As tropas estapeiam-se por um naco do gordo fundo

partidário que a sigla amealhou desde as eleições. Graças ao desempenho de 2018, o PSL vai receber neste ano 110 milhões de reais. Caso sejam aprovadas as novas regras para o ano que vem, terá meio bilhão em caixa. Os bivaristas topam um divórcio pacífico, desde que não se toque em um centavo sequer do butim. Os bolsonaristas, apesar do discurso moralista em relação à grana, não aceitam sair de mãos abanando.

O chamado à ética e o pendor à demência disfarçada de ideologia são mera fachada. O verdadeiro objetivo da intetona é enfraquecer Bivar a ponto de forçar sua renúncia e tomar o partido de assalto. Manteriam-se assim a máquina partidária e os algarismos nas urnas. Findariam as suspeitas e o PSL renasceria ainda mais bolsonarista sob um discurso de “limpeza”. Até que as laranjas se ajeitem no cesto, um grupo briga para minar os poderes do outro. Nas últimas horas da semana parlamentar, os deputados pró-Bolsonaro apresentaram uma lista com 27 assinaturas para destituir Waldir, em favor de Eduardo

**JOICE HASSELMANN  
PERDEU  
A LIDERANÇA  
NO CONGRESSO.  
FLÁVIO E EDUARDO  
BOLSONARO,  
OS DIRETÓRIOS  
ESTADUAIS**

Bivar e Bolsonaro: o casamento conturbado entre o capitão e o cacique caminha para um divórcio litigioso

# I Ç Ã O G O V E





O PSL topa expulsar dissidentes, desde que eles abram mão do fundo partidário

Bolsonaro. Em seguida, o grupo bivarista trouxe um documento com 32 apoiadores, garantindo que Waldir continuaria no cargo. O presidente meteu a colher para favorecer o rebento. Gravado em conversa com um colega de partido, ele pede votos e promete que, caso saia vitorioso, Eduardo deixaria a liderança de bom grado em dezembro. Em suas próprias palavras: “A maneira como tá, que poder tem na mão atualmente o presidente, o líder aí? É o poder de indicar pessoas, de arranjar cargo no partido, é promessa pra fundo eleitoral pro caso das eleições... É isso que os caras têm. Mas você sabe que o humor desses caras muda. De uma hora pra outra, muda”. Nem essa briga escapou do laranjismo: o PSL tem 53 parlamentares, o que significa que 6 deles assinaram as duas listas. Cabe a Rodrigo Maia moderar o conflito. “Teremos a maioria absoluta, nem que sejam exatamente os 27”, garante o deputado paulista Junior Bozella, porta-voz dos designios de Bivar. E alfineita: “É vergonhoso para o filho do presidente, mesmo com a ajuda do pai, não ter sequer 30 deputados com ele”. Nesse ínterim, a deputada Joice Hasselmann foi tirada por Bolsonaro da liderança do

governo. Em retaliação, Bivar destituiu Flávio e Eduardo Bolsonaro dos diretórios que comandavam. Cinco deputados devem ser expulsos do partido.

A implosão também parece afetar o humor de ministros não pesselistas. Um dia antes da ofensiva da Polícia Federal contra Bivar, a Lady Macbeth do consórcio Lava Jato-Bolsonaro, Rosângela Moro, publicou nas redes sociais um recado ambíguo. “Tenha coragem de dizer ‘eu mereço mais’ e vá embora.” Na legenda da foto, completou: “Valorizemo-nos. Só não vamos embora do Brasil. Para nosso país precisamos contribuir”. O

**SEM A GUARIDA DO PSL, BOLSONARO PERDE A BASE NO CONGRESSO. SEM BOLSONARO, O PARTIDO PERDE STATUS E DINHEIRO**

casamento dos Moro, a julgar pelas loas que a advogada tece ao marido sempre que pode, parece de vento em popa. O mesmo não se pode dizer da relação do ex-juiz com o governo. Embora defenda Bolsonaro publicamente, Moro tem sido desautorizado e fustigado por ele dia sim, outro também.

**M**esmo sem um partido que o abrigue, Bolsonaro pode seguir presidente. Foi eleito pelo próprio nome, entende a Justiça Eleitoral. Já no caso dos parlamentares, a tese é de que os mandatos pertencem ao partido. Pediu para sair, perdeu. A exceção dá-se nos desembarques por “justa causa”, quando a direção vacila ou persegue seus eleitos. Sob essa regra, tais dissidentes poderiam manter o mandato e pleitear o congelamento dos recursos partidários do PSL. Para levar o plano adiante, os bolsonaristas exigem auditoria nas contas. Apresentaram, na semana passada, um pedido formal ao partido para que forneça documentos e informações sobre as contas partidárias dos últimos cinco anos, incluindo as parciais de 2019. Bolsonaro escalou o ex-ministro do TSE Admar Gonzaga para defendê-lo no caso. Gonzaga, vale lembrar, era parte do tribunal quando as contas da campanha de Bolsonaro foram julgadas (e aprovadas), a despeito das enormes evidências de ilegalidade. Sob esse fato, o partido tentará conseguir sua suspensão e tirá-lo do caso. Completa o time a advogada Karina Kufa, cuja relação com o PSL azedou desde a aproximação com Bolsonaro. Os bivaristas acusam a advogada de fazer jogo duplo. “Ela foi contratada justamente para regularizar essas contas. Agora pede para auditá-las?”, reclama um assessor do partido em Brasília. Na quarta-feira 16, Bivar fez chegar a jornalistas os gastos do partido com a advogada: 340 mil reais. Além de receber 40 mil reais por mês

GABRIELA BILO/ESTADÃO CONTEÚDO, VALTER CAMPANATO/ABR, MARCOS CORRÊA/PR, JOSÉ CRUZEIRO/ABR, GILMAR FELIX, ROQUE DE SA/AG, SENADO, EDILSON RODRIGUES/AG, SENADO E MANDEL NGANI/AF



pelo diretório de São Paulo, ela faturou mais 200 mil por um contrato firmado para apresentar ações no Supremo. Fez também um acordo de 100 mil para defender a senadora Selma Arruda, a “Moro de saias”, acusada de abuso de poder econômico e caixa 2 nas eleições de 2018. Após brigas internas, Arruda migrou para o Podemos (caso saia por decisão partidária, o parlamentar pode filiar-se a outra sigla).

A relação de Bolsonaro com todos os partidos por onde passou, é bom que se diga, nunca foi pacífica. Tirado do Exército sob acusação de terrorismo, no fim dos anos 1980, ele estreou na política com o finado Partido Democrata Cristão, o PDC. Passou por PTB, PFL e outras duas protroversões do PP até migrar à sigla de fato, onde ficou por 11 anos. Embevecido pela fama que suas infames declarações lhe deram, filiou-se em 2016 ao PSC. Sem conseguir controlar o caixa daquele partido e após um *affair* com o Patriotas, conseguiu guarida no PSL para concorrer à Presidência.

Bivar não só topou o delírio, como cedeu o mando durante as eleições a Gustavo Bebianno, à época líder da *Armata Brancaleone* do ex-capitão. De partido nanico e de aluguel, a sigla converteu-se em um saco de gatos. Virou partido do coração de vovôs militares, arautos anti-Dilma, monarquistas, evangélicos e de um variado plantel de bolsominions de raiz. E conquistou 11,6 milhões de votos, crescendo 1.341%.

**V**encidas as eleições, a lua de mel deu lugar a um casamento conturbado. Bolsonaro nunca abriu as portas do Planalto aos seus deputados e, sempre que pôde, condenou publicamente os modos erráticos e atabalhoados. Em fevereiro, degolou Bebianno por um conflito banal levado ao limite da tensão por seus três filhos. Naquele mês, veio à tona o escândalo do laranja. A *Folha de S. Paulo* revelou que candidatas cuja votação mal ultrapassara três dígitos receberam



Mirando no próprio partido, Bolsonaro dá motivos também para o desembarque de Moro

## Bolsocombates



Acusado de traição e fritado até o limite, o parceiro de campanha que virou ministro foi o primeiro a ser nocauteado



A amizade dos tempos de trio elétrico verde-e-amarelo na Paulista descamba agora em ofensas e xingamentos



O senador paulista acusa Eduardo, pede a expulsão de Flávio e sugere a Carlos tratamento psiquiátrico



Expulso do partido por comprar briga com meio mundo, o ex-ator pornô juntou-se às fileiras do PSDB



O aspirante a embaixador não quer a dublê de jornalista disputando a prefeitura de São Paulo pelo PSL



## REPORTAGEM DE CAPA

milhares de reais às vésperas da eleição. Os casos mais cabeludos aconteceram em Pernambuco, onde o grosso do dinheiro foi direcionado à candidatura de Bivar. Uma gráfica no interior de Pernambuco recebeu, da legenda, 1,2 milhão durante a campanha eleitoral para prestar serviço a sete candidatos: o presidente do PSL e os outros seis que não se elegeram. Em março, apareceram os casos em Minas Gerais, aos cuidados à época de Marcelo Álvaro Antônio, hoje ministro do Turismo. Este último foi apontado por uma candidata como operador direto dessa transferência. Dos 279 mil reais repassados pelo PSL mineiro às candidatas laranja, ao menos 85 mil foram parar na conta de quatro empresas de assessores, parentes ou sócios de assessores do então deputado.

**H**á um jogo de empurra em relação ao caso. Bolsonaro diz que não sabia. Bivar lembra que havia cedido o comando do partido na época a Bebianno, e que tampouco liderava o diretório pernambucano. Bivar não foi indiciado. A situação de Antônio é mais delicada. Mesmo alvo de inquérito da PF e denunciado pelo Ministério Público, ele não perdeu o cargo. Também tem escapado das críticas ao presidente. Os apoiadores de Bivar consideram injusta a reação de Bolsonaro, que atribuem ao poder de fogo de Antônio em uma eventual denúncia contra o governo. Difícil acreditar, porém, que Bivar não tenha ele próprio esqueletos no armário. Em 25 anos de existência, o PSL esteve apenas quatro longe do comando de Bivar, um empresário de origem pernambucana que enriqueceu vendendo seguros habitacionais. Apesar de inexpressiva, a candidatura de Bivar à Câmara abocanhava um quarto da verba do partido para as eleições de 2018. Terminou o pleito com 118 mil votos. Seu mandato à frente do partido vence em novembro. Uma derrota,



Mesmo ajudado pelo pai, Eduardo Bolsonaro não reuniu sequer 30 assinaturas na manobra para tirar o bivarista Delegado Waldir da liderança na Câmara

entretanto, é improvável. A exemplo de Bolsonaro, ele também tem três filhos aboletados na direção do PSL e ainda mantém o apoio cativo de boa parte dos parlamentares da sigla.

Brasília é praça de guerra, mas o território a ser conquistado fica em São Paulo. Na época das eleições, Eduardo Bolsonaro e o senador Major Olímpio eram, respectivamente, presidente e vice do diretório do partido no estado. Olímpio transferiu o mando do PSL paulista ao filho 03 em maio. Os dois mantinham uma relação cordial até que este último começou a repassar diretórios municipais do partido a aliados mais ligados à ala olavista. Dos dez deputados eleitos pelo estado, nenhum

tem mando sobre alguma sede municipal. Menos da metade dos 362 diretores funciona de fato. O restante foi desativado ou tem pendências que vão de ausência de prestação de contas à falta de CNPJ. Uma investigação aprofundada certamente chegaria a Eduardo. Já Olímpio ainda precisa esclarecer as ligações perigosas com Alexandre Giordano, o empresário que se apresentou no Paraguai como emissário dos Bolsonaro e quase provocou a queda do presidente daquele país. A sede do PSL paulista, vale lembrar, funcionou até pouco tempo atrás em uma sala cedida por Giordano. Enquanto isso, dois soldados bolsonaristas foram alvejados: o deputado estadual Gil Diniz, acusado de rachadinha por um ex-funcionário, e o colega Douglas Garcia, suspeito de lotar seu gabinete de milicianos digitais.

Apesar da cambaleante *omertà* bolsonarista, o cerco se fecha. Notas fiscais apreendidas em Minas Gerais reforçam as suspeitas de que parte do dinheiro do laranjal foi desviado e abasteceu, através de caixa 2, até mesmo a campanha presidencial de Bolsonaro. Também avançam as investigações sobre a máquina de

**O MAU HUMOR  
DE LUCIANO BIVAR  
TEM POTENCIAL  
EXPLOSIVO  
EM FUTURAS  
INVESTIGAÇÕES**



*fake news* que contribuiu para mudar o jogo nas eleições. Dezenas de blogueiros, cuja ligação com os gabinetes do governo é notória, foram convidados a depor na CPMI das FakeNews. O Supremo apura a ligação entre a rede de *fake news* pró-Bolsonaro e os ataques à corte.

**F**undar um novo partido é penoso e demorado. No fim dos anos 1980, quando um grupo liderado por Fernando Henrique Cardoso começava a ensaiar no que se tornaria depois o PSDB, demorou anos para convencer um número expressivo de parlamentares a embarcar na ideia. Tucanos históricos, como Alberto Goldman (recém-falecido), Aloysio Nunes Ferreira e Cássio Cunha Lima, hesitaram em migrar logo de cara. As novas regras aprovadas no ano passado, como cláusula de barreira, tornam esse processo ainda mais penoso. As opções viáveis a Bolsonaro são escassas. Os advogados ventitam conversar com cinco partidos. O Podemos (ex-PTN) é comandado com mão de ferro por Renata Abreu. O PRB, apesar do novo nome (rebatizou-se Republicanos),



O advogado e ex-TSE Admar Gonzaga: manobra jurídica em prol de Bolsonaro

continua pertencendo à Igreja Universal do Reino de Deus, dificilmente arriscaria um pacto com o ex-capitão. “O Bolsonaro é aquele tipo de doido que rasga dinheiro, o Edir Macedo não”, ironiza um interlocutor ligado ao MDB. Outra opção é migrar para um partido ainda não registrado pelo TSE, como a velha UDN, que abriu as portas aos pesselistas caídos.

Também é difícil sobreviver sem partido dentro da Câmara. O regimento da Casa favorece o mando colegiado entre lideranças, empurrando minorias à insignificância. Sozinho não se pega ou relatorias ou a participação de comissões, e conta-se, na prática, apenas com o próprio voto. Sem a sombra de Bolsonaro, o PSL deve escancarar o clientelismo e assumir de vez a sua vocação congênita para o Centrão. “Ninguém ali é vaquinha de presépio, são deputados com mandato”, insinua outro *insider* do Congresso. Em uma eventual janela partidária, a fama e o dinheiro do PSL poderiam atrair deputados de centro-direita. Uma ruptura com um governo sem base para tocar seus projetos também daria ao partido o papel de fiel da balança. Na semana passada, quando a disputa ainda cozinhava em fogo brando, Major Olímpio comparava um eventual desembarque de Bolsonaro a “morar sozinho e fugir de casa”. Ficou claro que a casa é alugada e o preço cobrado pelo senhorio só aumenta, e, em vez de resolver as diferenças em casa, leva a briga para o meio da rua. Os dois lados devem sair estropiados. A história ensina que todo êxodo deixa mortos e feridos pelo caminho. Dilma caiu por muito menos. •



O ministro Marcelo Álvaro Antônio manteve o cargo. Mesmo indiciado pela Polícia Federal e denunciado pelo Ministério Público no caso do laranjal

